

## VERDADES FICCIONAIS, GÊNERO POLICIAL E <sup>1</sup> METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM AGOSTO

**Fernanda Mara de Almeida Azevedo**  
Mestre em Literatura Brasileira pela UERJ

Publicado em 1990, *Agosto* de Rubem Fonseca, surge da interação do metaficcional com o historiográfico, ou do que Linda Hutcheon denomina de romance de metaficção historiográfica: um tipo de discurso literário no campo da narrativa que recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação. A partir dessa identidade, tanto uma quanto outra obtêm sua principal pretensão à verdade.

O recorte temporal selecionado por Fonseca tem a duração dos últimos vinte e quatro dias que antecederam o suicídio de Getúlio Vargas em agosto de 1954. O narrador, porém, não se detém numa biografia da vida de personagens famosos, nem em recontar a história oficial. A mistura do metaficcional com o historiográfico em textos literários recentes – e Fonseca não foge à regra – coloca em evidência as pretensões de verdade do discurso histórico. Assim, à medida que ficcionaliza eventos políticos constitutivos da trama narrativa do suicídio de Vargas, o romancista relativiza os limites entre a ficção e a história, relato e memória, pelo poder mimético da palavra, discutindo sentidos como realidade, razão, objetividade e verdade.

Mas não é apenas a fusão do historiográfico ao metaficcional que assinala a sofisticação literária de *Agosto*. O entrecruzamento entre histórico e policial é uma tarefa que o autor realiza tanto para contestar a veracidade dos documentos históricos quanto para subverter internamente os métodos de investigação clássica que sustentam os discursos racionalistas. Esta fusão permite-nos estudar a ficção de Fonseca em aspectos distintos, além

---

<sup>1</sup> Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, defendida em 15 de fevereiro de 2006, no Instituto de Letras da UERJ, sob orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. Francisco Venceslau dos Santos.

de mostrar que sua literatura não deixa de ser instigante e desafiadora por lançar mão de ingredientes da cultura de massa. Basta pensar que a verdade, problematizada pelo discurso ficcional fonsequiano não se restringe ao campo da literatura. Trata-se de um tema que vem atravessando a cultura contemporânea através de diferentes discursos como os da filosofia, da historiografia moderna e da teoria literária.

Pensando no modo como o romancista aborda a questão da verdade em *Agosto* (em contraponto com as verdades discutidas por teóricos da cultura contemporânea), ressalta-se a falta de profundidade e um conseqüente enfraquecimento da historicidade, prolongada pela cultura da imagem e do simulacro. A simulação por imagens desfaz as fronteiras entre o real e o imaginário, entre o ser e a aparência, o que nos revela que a cultura do simulacro dissemina-se em *Agosto* de maneira tal que não sabemos onde termina a realidade e onde começa a ficção. Apagando estas fronteiras, o autor relativiza verdades históricas, mostrando que o passado como referente desaparece, deixando apenas textos em nossas mãos.

Nietzsche, um dos teóricos a problematizar a questão da verdade explica que a legislação da linguagem dá também as primeiras leis de verdade, surgindo, pela primeira vez, o contraste entre verdade e mentira. Assim, o filósofo traz a idéia de que se os fatos só podem ser transmitidos por meio de palavras, eles não se desvinculam da subjetividade. Na concepção do pensador alemão, a crítica da verdade é uma crítica da própria ciência, uma investigação sobre as questões afins do conhecimento, do pensamento, da razão, do conceito e da verdade. Partindo também do princípio de que a verdade só existe no âmbito do discurso, Fonseca volta-se contra a visão totalista dos historiadores, mostrando que o texto histórico compõe-se de versões narrativas. Se tudo são textos ou versões, o autor de *Agosto* vale-se de sua memória a fim de contar uma possível versão dos fatos históricos que culminaram no suicídio de Getúlio Vargas. No contexto ficcional, a história serve de pano de fundo para a vibração de múltiplos discursos que põem em circulação verdades retóricas. Os personagens de extração histórica criam através de ações e da linguagem um cenário desfavorável ao presidente, dando-nos a impressão de que ele possui uma imagem corrupta e criminoso.

Utilizando estratégias narrativas como o narrador-refletor, o discurso indireto livre e o aproveitamento da memória histórica dos anos cinqüenta, o autor tanto relativiza verdades prescritas pelos documentos oficiais, quanto lança mão dos ingredientes das narrativas clássicas de enigma para inverter ou subverter internamente seus valores (o que não é coincidência). Seu romance segue a linha do *roman noir* (ou policial americano), embora dialogue criticamente com ele. Neste sentido, uma das vozes mais exploradas pelo narrador para questionar informações totalizantes é o seu protagonista, o comissário Mattos, que, de certa forma, é um personagem elaborado conforme o modelo do detetive clássico, que enfatiza a lógica. Em *Agosto*, a verdade se transforma no eixo temático e radicaliza-se na medida em que se questionam a dedução lógica e a experiência concreta como caminhos para atingi-la. Como resultado final, opta-se pela criação de versões coerentes: a verdade apresenta-se, então, como uma construção discursiva de uma versão plausível.

A maior prova do ceticismo de Fonseca está no perfil do seu policial: Mattos, acreditando na existência de uma verdade, percorre toda a trama atrás de pistas que o conduzam à elucidação dos crimes. Porém emaranha-se gradativamente numa rede de pistas falsas que o distanciam cada vez mais da verdade que almeja. E o narrador, acompanhando minuciosamente os passos do protagonista, mostra-nos que os erros de interpretação cometidos pelo policial refletem a descrença do seu criador na razão e na lógica que sustentam os valores do romance de enigma. Assim, fundindo a metaficção historiográfica com o gênero policial, Fonseca sugere, nas entrelinhas, que as dúvidas que abalam o comissário afetam, por extensão, a pretensão de objetividade da pesquisa histórica. Esta, tal como a investigação policial, parte de pistas – vestígios e fragmentos do passado – para tentar realizar na linguagem uma realidade que não foi presenciada por seus investigadores. Acrescente-se ainda que, em *Agosto*, as subjetividades literárias servem de mediações para questionar verdades históricas e para contestar a noção de indivíduo centrado, racional e coerente apregoadado pela visão de um discurso construído na tradição iluminista.